

Quantum QB4

A melhor distribuição para a energia do seu sistema!



A Quantum, com o nome completo Quantum Resonance Technology, é uma empresa que desde há alguns anos (começou em 1999) fabrica equipamentos destinados a melhorar a alimentação dos sistemas de áudio a partir do sector. Para aumentar a penetração dos seus produtos, a distribuição passou a ser feita pela Nordost desde há cerca de dois anos a esta parte.

O Quantum Source Book, fornecido com cada um dos modelos da Quantum, explica mais ou menos quais os princípios de desenvolvimento que estão por detrás de cada um deles mas, ao mesmo tempo, fornece um útil conjunto de indicações para se poder tirar a melhor performance de todos e cada um deles. Para mim, que posso dizer que sou um dos pioneiros da optimização da alimentação de sector, com os primeiros artigos publicados na então apenas *Audio* por volta de 1991, seguidos

de muito perto pelo lançamento do primeiro modelo do Filtro de Sector Audio, já não existem muitos segredos nesta área, mas posso dizer que as explicações da Quantum são bastante diferentes do habitual. Vamos então reflectir um pouco em torno da...

Tecnologia

Tendo sido fundada inicialmente para estudar a aplicação dos efeitos do campo escalar nas áreas da medicina e da elec-

trónica, destas investigações nasceu aquilo que foi designado por Quantum Resonance Technology e cujos princípios teóricos assentam na Mecânica Quântica. Por isso, em vez de actuar directamente sobre o percurso da corrente eléctrica, os equipamentos da Quantum têm como intuito reduzir o efeito da energia electromagnética dispersa sobre cada cablagem e o equipamento que ela alimenta. Claro que não é difícil relacionar esta teoria com outras que governam, por exemplo, o funcionamento

dos transístores (basta pensar no nome transístores de efeito de campo), ou ainda no laser ou no microscópio electrónico e diversos outros equipamentos electrónicos. Mas tudo isto se passa mais no interior dos componentes e dispositivos, por isso não é imediato pensarmos que estamos permanentemente rodeados de todo o tipo de campos electromagnéticos, resultantes da circulação das correntes eléctricas que alimentam todos os equipamentos electrónicos que temos em casa mas não só, porque não podemos esquecer as ondas que atingem ou são emitidas por telemóveis, *routers* Wi-Fi, equipamentos de rádio, telefones portáteis e assim por diante.

Contando desde início com uma certa dose de cepticismo por parte do mercado, a Quantum achou por bem contratar a Acuity Products, uma empresa britânica independente ligada à área dos equipamentos militares de defesa, para estudar o impacto dos equipamentos desenvolvidos segundo a teoria QRT (Quantum Effect Technology) na performance de um sistema de alta-fidelidade. O procedimento seguido foi utilizar um leitor de CD's bem conceituado e medir o seu sinal de saída quando reproduzia a mesma passagem de um sinal musical. A comparação deste sinal com o sinal original chegou a apontar para erros de 10%, o que é realmente excessivo. Quando este mesmo leitor era ligado numa régua da Quantum o erro era reduzido praticamente a metade.

A linha de equipamentos da Quantum pode ser dividida basicamente em dois grandes grupos: as «unidades geradoras de campo eléctrico», com designação QX e que se devem instalar entre a tomada e as régua distribuidoras de energia, com a designação QB (de Q-Base) e que estão disponíveis em modelos de quatro e oito tomadas.

O equipamento de que vou falar hoje pertence exactamente a este último grupo e tem a referência QB4, o que significa que tem quatro tomadas. A estrutura é muito simples, assentando fundamentalmente na utilização de uma caixa sólida de alumínio fundido com os cantos arredondados. Num dos extremos desta caixa bem pesada, temos uma ficha IEC de entrada que permite escolher o cabo de alimentação que se queira, ladeada por um imponente terminal para ligação de uma terra independente, para o caso de se ser um daqueles felizardos que podem ter uma instalação de terra



A Quantum também tem cabos de sector.

dedicada para o sistema de áudio. Na parte superior temos quatro tomadas idênticas, de boa construção. Ao contrário de muitos outros equipamentos que incluem dispositivos de filtragem no seu interior, a QB4 aposta apenas na qualidade de execução da cablagem interna. Assim, as distribuições dos três condutores de cada tomada são efectuadas através de uma placa de circuito impresso que garante uma distribuição em estrela e ainda que as ligações a cada tomada são o mais curtas possível. Uma resistência de pequeno valor em série com cada ligação de terra assegura que não vamos ter problemas futuros com *loops* de massa. E pronto, é tudo, vamos agora ver como a Quantum se comportou nos ensaios.

Teste prático

Quando a Quantum chegou a minha casa já tinha apreciado o seu desempenho em dois outros lugares: no sistema do Nuno Fraústo e na sala de testes da *Audio*, que

recentemente foi alvo de um *upgrade* feito pelo Nuno Melo, da Imagem Sonora, ficando equipada com um conjunto de fusíveis independente, cablagem directa multifilar de 4 milímetros quadrados de secção e tomadas Cinimage e Furutech. Na casa do Nuno, que tem uma instalação eléctrica convencional, a Quantum produziu efeitos imediatos e imediatamente reconhecíveis, com aquela sensação que eu conheço tão bem, de uma maior liberdade de «movimentos» nos intérpretes e na música que tocavam e como que uma sensação de maior dinâmica, não porque o volume estivesse mais alto mas porque era mais fácil discernir os pormenores ligados aos sons de intensidade mais reduzida e os tempos de subida de cada nota eram mais curtos.

Trouxe assim uma Quantum para casa já com algumas boas ideias, e resolvi ensaiá-la na sala de testes da *Audio*. Esta sala é mais usada para ensaios de equipamento



de vídeo ou cinema em casa do que para áudio puro, mas tive a sorte de ter por lá as Focal Utopia Scala, que são uma excelente ferramenta de análise pela sua resolução. A fonte de sinal era o Sony SCD-X5400ES, estando a amplificação por conta do NAD M2, que igualmente foi testado na mesma altura. Segui a ordem das ligações recomendada pela Quantum, com a fonte o mais perto possível da ficha IEC de entrada e o amplificador de potência mais ou menos a meio, na zona assinalada pelas letras da referência. Os benefícios foram mistos, variando desde uma quase inalteração da performance até a um comportamento muito próximo do que descrevi acima e que ensaiei por diversas vezes. Conclui, portanto, que não tinha conclusão nenhuma, se é que posso dizer isso.

Passei então à última fase da experiência, levando a QB4 para casa para ensaiar no meu sistema que conheço tão bem. Aí comecei por fazer uma coisa aconselhada pela Quantum e que, numa experiência que fiz na minha antiga casa já lá vão muitos anos, vi que resultava muito bem: organizei o mais possível os cabos de alimentação num grupo e afastei deles, evitando qualquer tipo de cruzamento, os cabos de sinal e de coluna. A tomada que tenho na parede é uma Furutech de carbono e tenho igualmente uma ligação directa ao quadro, protegida por fusíveis e com circuitos exclusivos para a sala de audições. Novamente liguei tudo como «está nos livros», em termos da ordem de ligações dos diversos elementos do sistema, e comecei por utilizar um cabo van den Hul Mainstream, que pontualmente tem dados bons resultados, na entrada da QB4. Nada de

prejudicial aconteceu mas também não dei por nada de muito excitante. Talvez existissem algumas melhorias mas não eram evidentes por aí além. O leitor de CD's era o Accuphase DP85, o prévio o meu original, o amplificador o Mark Levinson N.º 27.5 e as colunas as ELS 63 Pro.

A experiência seguinte foi utilizar um cabo da Audioquest já algo «antiguinho», que até já nem se fabrica e vem dos primeiros tempos do acima citado filtro de sector da *Audio*. E tudo foi como que ampliado em relação ao que antes tinha ouvido: a imagem espacial ampliou-se, a extensão de graves e agudos *idem*, os detalhes estavam bem mais presentes, apenas me parecia que talvez fosse possível ter uma maior amplitude dinâmica e timbres mais perfeitos na gama média.

E isso foi conseguido quando pude ensaiar o cabo de sector Acrolink 6N-P4030PC, exactamente o que estava a ser utilizado pelo Nuno Fraústo no sistema quando efectuei as audições atrás referidas – a qualidade dos tons da gama média melhorou de modo evidente e a espacialidade ampliou-se igualmente nas três dimensões. Ouvir Elivis Costello em *Hidden Charms*, da Warner, fez-me sentir toda naturalidade da sua voz, incluindo aquelas tiradas «a rasgar», bem como a precisão de localização que era agora possível quase a ponta de alfinete, como dizem os britânicos.

Mas a insatisfação é algo que faz parte intrínseca da natureza humana e desde há algum tempo que o Carlos Ribeiro me vinha dizendo que o Nordost Brahma se comportava muito bem com a régua da Quantum, talvez mais uma boa razão para a Nordost comercializar os equipamentos desta marca. Temos que ter em conta que a Nordost tem nada menos que quatro gamas de cabos de sector, as quais vão da Supreme Reference (nem quero saber o preço!) à Wyrewizard, com o Brahma a pertencer mais ou menos à gama do meio em termos de preços, com a designação «prosaica» de Power Cords. O contacto com a Imacústica veio a provar que o Brahma não estava disponível mas tinham um Vishnu, o modelo acima, que me podiam ceder para este teste. Mas que «maldade» fizeram! Com este cabo a Quantum, no meu sistema, assumi em desempenho que julgo difícil ser ultrapassado, embora, como disse, nem sequer me atreva a ensaiá-la com algum dos modelos mais caros da Nordost. Todos

os que me conhecem sabem que eu gosto de jazz e que esse gosto até terá seguramente influenciado o meu filho que há anos se dedica profissionalmente a tocar guitarra exactamente neste estilo musical. Assim sendo, todos vão entender que eu descreva aqui, para começar, o que ouvi quando da reprodução do disco *The Far East Side*, de Duke Ellington, principalmente na faixa *Blue Pepper*. A imagem espacial era ampla quase até mais não, com uma localização individual marcante e uma noção quase absoluta de quem está à esquerda, à direita ou ao centro, sem que essa identificação se perdesse sempre que se passava de um dos trechos a solo (ou quase) para o grupo todo a tocar em unísono. A secção de baixo tinha um ritmo bem vincado, o piano de Duke a dimensão e o timbre quase de um piano ao vivo.

Passei então a Glenn Gould na sua versão das *Variações da Eroica*, de Beethoven, novamente com um piano quase de arrepiar, sendo quase possível ouvir as reflexões da caixa e os registos graves a alinharem-se quase «em escadinha» junto da coluna direita, com as sempre presentes mãos de Glenn a quase serem palpáveis, principalmente quando das passagens mais complexas. Da última vez que estive em Berlim tive a felicidade de poder assistir a um concerto na Konzerthaus, com a Orquestra residente, dirigida por Elisha Inbal, a interpretar a Sinfonia n.º 4 de Chostakovich, e ainda a peça *Os Emigrantes* de Oskar Fried. Estar numa sala de concertos é sempre uma experiência única, mais ainda numa que tem tanto prestígio como esta. Inbal é ainda um dos grandes maestros do nosso tempo e o resultado não podia ser menos que magnífico. Por isso mesmo atrevi-me a ouvir em casa a Sinfonia N.º 13 de Chostakovich, ainda mais complexa que a 4.ª e que se divide por quatro faces de dois LP's. Esta é talvez uma das obras mais conseguidas deste compositor, com profundo olhar sobre o sentido da vida e de como a morte está sempre de olho sobre ela e ainda de como o homem, que tanto gosta de brincar com a guerra, pode provocar tantas mortes noutros homens, neste caso fundamentalmente os judeus. Temos aqui um diálogo profundo entre solista, coro e orquestra, a qual está presente apenas quando faz falta, e só um sistema bem afinado consegue acompanhar e fazer sentir em nós as emoções que o compositor e André Previn nos querem fazer experimentar. Talvez a visita que fiz ao



Museu Judaico, novamente em Berlim, cidade que visito todos os anos de há mais de vinte anos a esta parte, tenha ajudado a construir os sentimentos que se desenvolveram em mim, mas a Quantum sem dúvida fez acrescentar mais alguns pontos à capacidade de reprodução do sistema. Em todo o momento as posições do solista, do coro de da orquestra estavam sempre bem definidas e nunca variaram, mesmo quando dos crescendos, quer do coro quer da orquestra. Os sons mais baixos de cada instrumento ou do solista apareceram sempre claros e evidentes e as capacidades dinâmicas do conjunto foram, sem dúvida, exaltadas. Um bom resultado, sob qualquer ponto de vista.

Conclusão

Testar um equipamento que transporta a energia do sector até ao sistema não é tarefa fácil: o número de variáveis em jogo

é grande e é necessário ter o máximo cuidado para não confundir as casas com a aldeia. Desde a cuidadosa organização das cablagens à qualidade da alimentação que vem do quadro e da tomada de ligação, bem como dos diversos cabos de alimentação, desde o mais importante, o que liga à régua de distribuição, a cada um dos que são utilizados em cada equipamento, tudo conta. Isto para não falarmos do gosto pessoal do escriba/crítico que tem um sistema «sintonizado» com a sua maneira de ouvir música e pode não gostar de determinadas alterações na performance, mesmo que elas sejam para melhor.

No que se refere à Quantum QB4, o que posso dizer é que ela se portou muito bem no meu sistema com três dos cabos ensaiados, todos de preços diferentes, embora não tenha tido um desempenho espectacular com dois outros. Por isso, uma

vez mais, o que posso dizer é que as potencialidades da QB4 ficaram demonstradas à saciedade – cabe agora a cada um otimizar o seu desempenho no seu sistema e de acordo com o seu gosto pessoal. Recompensa ensaiar diversos cabos de alimentação mas, primeiro que tudo, recompensa ter uma boa alimentação de sector entre a tomada principal do sistema e o quadro. Mas este é um outro campo que dá pano para mangas e de que falaremos em detalhe muito em breve. Para já, só posso deixar aqui uma recomendação calorosa para o uso da Quantum QB4 num bom sistema de áudio. Mesmo os mais cépticos ficarão sem dúvida convencidos perante um sistema bem alimentado.

Preço: 690 €

Representante: Imacústica

Telefone: 22 519 41 80

Web: www.imacustica.pt